

VOLUME 1

BETAR NA SHOÁ

A Z.Z.W. E O LEVANTE DO GUETO DE VARSÓVIA



VOLUME 1

BETAR NA SHOÁ

A Z.Z.W. E O LEVANTE DO GUETO DE VARSÓVIA

BETAR BRASIL

Elaboração: Hanagá Olamit Betar 2016.
Tradução para o português: Juliana Katz.
Design e diagramação: Guilherme Jaffé.
Revisão: Yoav Sanz Strul.



BETAR BRASIL
בית"ר ברזיל



BETAR NA SHOÁ

A ZZW E O LEVANTE DO GUETO DE VARSÓVIA

Resistiu quem conseguiu um pedaço de pão.

Resistiu quem deu aula às ocultas.

Resistiu quem escreveu e distribuiu um jornal clandestino, advertindo e pondo fim às ilusões.

Resistiu quem introduziu secretamente um Sefer Torá.

Resistiu quem falsificou documentos "arianos" que salvaram vidas.

Resistiu quem conduziu os perseguidos de uma terra a outra.

Resistiu quem descreveu os acontecimentos e enterrou o papel.

Resistiu quem ajudou aos mais necessitados ainda.

Resistiu quem pronunciou as palavras que trouxeram seu próprio fim.

Resistiu quem se ergueu com mãos nuas contra seus assassinos.

Resistiu quem transmitiu mensagens entre os sitiados, e conseguiu trazer instruções e algumas armas.

Resistiu quem sobreviveu.

Resistiu quem combateu armado nas ruas das cidades, nas montanhas e florestas.

Resistiu quem se revoltou nos campos de extermínio.

Resistiu quem se rebelou nos guetos, entre os muros caídos, na revolta mais destituída de esperança que algum ser humano jamais vivenciou.

Chaim Guri

Dedicamos esta *choveret* aos que morreram e aos que sobreviveram nos campos de extermínio, nas florestas e nos guetos.

Aos que optaram perecer lutando, pegando em armas e granadas contra...

Aos que se esconderam, escreveram, viveram e compartilharam suas histórias para que elas nunca fossem esquecidas.

Vocês são a nossa História e nós a contaremos ao mundo!

Onde existir **Betar**,
Haverá **resistência**.

Am Israel Chai!

Tel Chai!

“No futuro, as crianças de Eretz Israel aprenderão sobre nós e, para eles, nós seremos um exemplo de bravura e coragem. A maioria de nós morrerá em batalha, mas viveremos nas vidas e corações das gerações que estão por vir. Viveremos enquanto a história dos judeus continuar a viver”.

Pawel Frenkel, Varsóvia, 1943



Membros do Betar em Varsóvia. O chefe do grupo, Natan Biderman, é o jovem de bigode sentado no centro. 1933



Betariot do *maoz* em Varsóvia em formação. *Machané Kaitz*, 1937.



Dois membros do Betar Varsóvia duelando com espadas de esgrima. *Machané Kaitz*, 1937.



Membros do Betar Varsóvia na festa de despedida de amigos que realizariam *aliá*. 1937



Festa de despedida de Arie Boiko, antes de sua *aliá*. *Maoz* do Betar em Varsóvia. Presentes na foto: Yitzhak Yellin, Aharon Propes, Chaim Botschko, Alexander Tanel e outros. 1930



Ze'ev Jabotinsky examinando a bandeira do Betar durante uma visita ao *maoz* do Betar em Varsóvia. Isaac Remba está ao seu lado. 1936.



Betar Varsóvia.



Membros do Betar Varsóvia em um desfile.



Ze'ev Jabotinsky escrevendo a primeira letra no *Sefer Torá* dedicado a ele pelo *Brit HaChaial*, em Varsóvia.



Batalhão dos membros do *Brit HaChaial* marchando em Varsóvia. 1932



Unidade betarí homenageada após à Revolta do Gueto de Varsóvia, que chegou ao navio *Arba Cheruiot* (Quatro Liberdades) sob o comando de Dov Vilotzky. *Machané Kaitz*, Chipre. 1946

HISTÓRIA DO GUETO

O Gueto de Varsóvia (*Getto Warszawskie*, em polaco; *Warschauer Ghetto*, em alemão) foi o maior gueto judaico estabelecido na Europa pela Alemanha Nazista durante a Shoá. Foi implantado no centro da capital polonesa entre outubro e novembro de 1940. No gueto, foram confinados, sobre tudo, judeus de Varsóvia, mas também centenas de outros oriundos da Alemanha e de outras regiões da Polônia e de todo o continente que estavam sob controle alemão.

Foi concebido, principalmente, como local de transição das deportações para um destino final: os campos de extermínio. Assim como muitos outros, o Gueto de Varsóvia era parte de um processo bastante organizado e planejado que visava o extermínio do povo judeu. O gueto, em seu auge, abrigou aproximadamente 445.000 pessoas – que representavam por volta de um terço da população total da cidade e estavam concentradas em apenas 2,4% da área da cidade.

Durante os três anos de sua existência, a fome, as doenças, as deportações aos campos de trabalho e de extermínio reduziram sua população a cerca de cinquenta e cinco mil habitantes. Esse gueto foi o cenário da maior ação de resistência judaica contra o genocídio e ficou conhecida como o Levante do Gueto de Varsóvia. Teve seu início na noite de *Pessach*, no dia 19 de abril de 1943, e seu final um pouco menos de um mês depois, no dia 16 de maio. Essa revolta foi uma das primeiras contra o regime nazista na Europa.

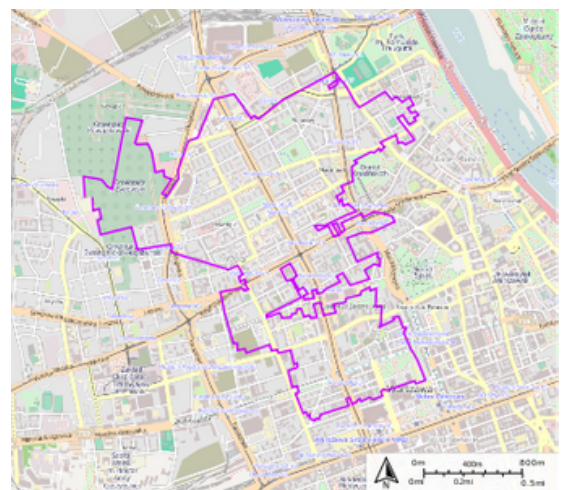
FORMAÇÃO DO GUETO

Os primeiros planos para isolar a população judia polonesa surgiram imediatamente após a invasão alemã em 1939. Prontamente, as lideranças do Governo Geral aplicaram na região as *Leis de Nuremberg*: um conjunto de leis bastante restrito que buscava “definir”, humilhar e excluir o judeu da sociedade. A partir desse momento, todos aqueles que eram considerados judeus segundo essas leis, deveriam usar um bracelete branco com uma Estrela de David azul. Dessa forma, seria mais fácil controlar as restrições estabelecidas e se certificar, por exemplo, que judeus não usariam transporte público, frequentariam parques e restaurantes, escolas ou até mesmo exerceriam determinadas profissões. Também nesse momento, estabeleceu-se a proibição de mudança de endereço para os judeus. O governo alemão divulgou diferentes informações em cada região para justificar a decisão: em Lodz, alegaram que estavam buscando liberar espaço para o assentamento de alemães oriundos da região Báltica; já em Varsóvia, foi dito que a proibição visava prevenir epidemias. Contudo, uma coisa era fato: essa proibição foi o primeiro passo do processo de “guetização”.

No verão europeu de 1940, as obras foram temporariamente interrompidas pelo Governador Geral Hans Frank, porque, durante esse período, foi considerada a possibilidade de deportar todos os judeus para um lugar distante, como, por exemplo, a ilha africana de Madagascar.



Agosto de 1940: por ordem das forças de ocupação alemãs, começa a construção do muro do Gueto de Varsóvia.



Os limites do Gueto de Varsóvia

No entanto, em 12 de setembro, Frank anuncia a seus subordinados a decisão definitiva de fechar o gueto. Apenas trinta e cinco dias depois, quando a população do gueto já se aproximava dos trezentos e oitenta mil, seus limites estabelecidos e fechados. Dessa forma, o acesso dos habitantes do gueto ao exterior foi fechado completamente, cercado-os primeiro com arame e logo construindo um muro de três metros de altura e dezoito quilômetros de extensão.

Assim, em maio de 1941, o número de habitantes atingiu seu ápice: 445.000. Durante o ano e meio que se seguiu, judeus de pequenas cidades e aldeias próximas foram transferidos a força para Varsóvia. As doenças (sobretudo a febre tifoide) e a fome reinantes contribuíram para manter o número de habitantes estável. É importante considerar que a ração alimentícia destinada aos judeus era bastante limitada – 184 calorias/dia – enquanto a dos poloneses correspondia a 1800 e a dos alemães até 2400.

VIDA SOCIAL E CULTURAL

Para o funcionamento e ordem do gueto, em alguns casos, e sustento e ajuda mútua das pessoas que lá viviam, em outros, foram criadas diversas organizações e instituições.

O *Judenrat* - palavra alemã para "conselho judeu" - eram corpos administrativos que os alemães requereram que os judeus formassem em cada gueto do Governo Geral (parte central da Polônia ocupada), e, por isso, os movimentos juvenis tentaram amenizar as inumanas condições de vida. Eram incontáveis os problemas enfrentados pelos habitantes do gueto, mas se destacavam a superpopulação dos lares, a fome, a imobilidade e as péssimas condições de sobrevivência.

Em resposta a tudo isso, as organizações começaram a se responsabilizar por solucionar, ou ao menos amenizar, esses problemas. O *Judenrat* procurou estabelecer a média de alojamento de sete pessoas por dormitório. A CENTOS (organização financiada pela *American Jewish Joint Distribution Committee*) organizava cantinas nas quais se distribuíam pratos de sopa gratuitamente e buscava outras soluções para a redistribuição dos bens e dos alimentos disponíveis para aqueles que pouco – ou nada – possuíam. Durante o ano de 1941, essas cantinas chegaram a alimentar até dois terços da população.

Por um curto período de tempo, a *Judenrat* também teve permissão para organizar quatro escolas primárias, do primeiro ao terceiro ano – equivalente aos primeiros três anos de ensino fundamental no Brasil - para as crianças do gueto. Junto a isso, existia um extenso sistema educacional clandestino organizado pelos movimentos juvenis. Esses centros cobriam todos os anos do ensino fundamental e se disfarçavam, para a polícia do campo, de cantinas de distribuição de alimentos. Era também função do *Judenrat* tomar conta dos hospitais e orfanatos. Um desses orfanatos - dirigido pelo pedagogo Janusz Korczak - se chamava "República das Crianças". Em 1942, os centros de saúde foram fechados e seus responsáveis deportados ao campo de Treblinka.

A vida cultural incluía uma imprensa diária - em ocasiões, clandestina - em três idiomas: iídiche, polonês e hebraico. A atividade religiosa incluiu, por algum tempo, celebrações autorizadas e abertas, mas logo foi substituída por encontros clandestinos e silenciosos realizados nos domicílios de rabinos. Havia ainda, uma igreja destinada aos judeus convertidos ao catolicismo.

Marcel Reich-Ranicki, um crítico literário alemão que viveu no gueto desde seu princípio, afirma que foram realizados vários concertos de música clássica e que não havia dificuldade alguma em encontrar excelentes violinistas e músicos de instrumentos de cordas pelo gueto. No entanto, segundo ele, encontrar aqueles que tocavam instrumentos de sopro era um pouco mais difícil. Em geral, estes não tinham experiência em orquestras sinfônicas, uma vez que, em sua maioria, eram músicos de jazz e de pequenos grupos.

De qualquer maneira, esforçavam-se bastante para esse fim e conseguiam bons resultados. Algumas peças de teatro e exposições de arte também foram apresentadas. Em muitos casos, os artistas participantes nessas manifestações eram figuras proeminentes da vida cultura polaca da época.

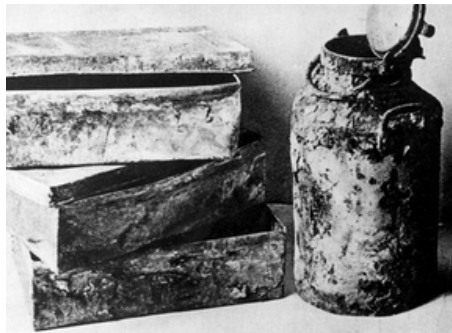


Emanuel Ringelblum, o idealizador dos Oneg Shabat.

Um dos mais notáveis esforços de preservação cultural foi liderado pelo historiador Emanuel Ringelblum e seu grupo *Oneg Shabat*, que coletou documentos de pessoas de todas as idades e posições na tentativa de criar uma história social que abrangesse os mais diversos aspectos da vida dentro do gueto. No total, estima-se que seu acervo contava com cerca de cinquenta mil documentos que incluíam diários, memórias, coleções de arte, publicações da imprensa ilegal, desenhos, trabalhos escolares, pôsteres, entradas de teatro, receitas, entre muitos outros. Esses documentos foram escondidos dos alemães em três lugares separados, e dois deles recuperados e utilizados por historiadores como a principal fonte de investigação sobre o gueto. Atualmente, acredita-se que o terceiro conjunto de documentos pode estar enterrado embaixo do atual edifício da embaixada chinesa.



Adam Czerniakow, presidente da *Judenrat* - conselho judeu - no Gueto de Varsóvia.



Uma das latas de leite e algumas caixas que costumavam esconder documentos e informações das pessoas e da vida no Gueto de Varsóvia. Os *Oneg Shabat*.



Edifício da embaixada chinesa, em Varsóvia. Acredita-se que o terceiro conjunto de documentos, aquele com as maiores informações sobre a Z.Z.W., esteja enterrado embaixo desse prédio.

ÚLTIMOS MOMENTOS DO GUETO

Em 20 de janeiro de 1942, os líderes nazistas decidiram, na *Conferência de Wannsee*, exterminar os judeus da Europa. A primeira fase do que eles chamaram de “Solução Final” foi a *Operação Reinhard*, que planejava eliminar completamente a população judia da Polônia. O plano era deportar todos os judeus do gueto para o campo de extermínio de Treblinka, o qual foi construído entre os meses de maio e julho do mesmo ano. Assim que o campo ficou pronto, o processo de liquidação do gueto varsoviano começou.



Foto atual do Edifício n.º 56-58 Am Großen Wannsee, onde a Conferência de Wannsee teve ocorrido, em 1942.



Deportação de judeus do Gueto de Varsóvia para o campo de extermínio de Treblinka.

Em 22 de julho, teve início a *Große Umsiedlungsaktion* (Grande Ação de Realojamento). O *Judenrat* foi informado, então, que todos os judeus, exceto os que trabalhavam em fábricas alemãs e em hospitais judaicos, os membros da *Judenrat* e da força policial judia e suas famílias, seriam “deportados para o leste”. Esta deveria conduzir diariamente seis mil judeus ao ponto de encontro *Umschlagplatz*, junto as ferrovias da *Transfertelle*. Em caso de descumprimento dessa ordem, os alemães fuzilariam centenas de reféns, entre eles a esposa de Adam Czerniaków – o presidente do Conselho Judaico de Varsóvia. Após tentar, sem sucesso, convencer os nazistas de desistir de seus planos, Adam se matou, deixando uma carta que relatava seu desespero: “*Já não posso mais suportar. Minha ação mostrará a todos o que é necessário fazer*”. Depois dele, os suicídios se tornaram um acontecimento comum ante as penosas condições de vida; o do sogro de Marcel Reich-Ranicki seria outro dessa larga lista. No mesmo dia que Czerniaków decidiu tirar sua própria vida (dia 23 de julho), a resistência clandestina judaica se reuniu e resolveu não se rebelar, pois acreditavam que os judeus estavam sendo levados a campos de trabalho forçado, não de extermínio.

No final do mesmo mês, a polícia do gueto foi encarregada de levar a cabo a deportação de 64.606 judeus para os campos de extermínio. A partir do mês de agosto, os alemães e seus aliados passaram a ter um papel mais direto no processo de transferência dos judeus, sendo responsáveis pelo transporte de 142.223 pessoas nesse mês e mais 56.173 em setembro. Na segunda quinzena do mês, 263.002 pessoas já haviam sido levadas desde o início das deportações. Apenas entre os dias 6 e 11 de setembro, 35.886 foram transferidos, 2648 foram executados ainda no gueto e 60 tiraram a própria vida. Quando a primeira etapa de deportações terminou, restaram, entre trabalhadores e pessoas escondidas, aproximadamente 55.000 habitantes no gueto.

Durante o semestre seguinte, a resistência judaica clandestina se agrupou em duas organizações maiores: a *Ż.O.B. (Żydowska Organizacja Bojowa)* – Organização Judaica de Combate – que era liderada por Mordechai Anielewicz e tinha entre duzentos e quinhentos; e a *Ż.Z.W. (Żydowski Związek Wojskowy)* - União Militar Judaica - que contava com um número similar de membros. Os participantes de ambos grupos acreditavam que era preciso resistir agressivamente a opressão. Seu armamento consistia, majoritariamente, de pistolas, explosivos caseiros e coquetéis molotov, sendo que a *Ż.Z.W.* estava melhor armada, pois possuía maior quantidade de contatos clandestinos no exterior do gueto.

Ż.Z.W. NO LEVANTE DO GUETO:

O significado histórico do Levante do Gueto de Varsóvia aumenta em importância com o decorrer dos anos. Da mesma forma que o extermínio dos judeus por parte dos alemães não tem parâmetro histórico algum, o heroísmo que significou essa resistência não tem precedentes na história da humanidade.

Ao longo da guerra, Hitler conquistou muitos países e dominou diversos povos, no entanto, somente do povo judeu visava ao extermínio. Há registro de guerrilheiros e combatentes em outros países ocupados, mas eles eram remanescentes de exércitos bem organizados – refugiados em montanhas e bosques – e contavam com ajuda ativa ou, ao menos, com o apoio da população local. A situação do povo judeu era diferente, uma vez que se encontravam, na maioria das localidades, enclausurados em guetos, sob forte supervisão alemã e quase nulo contato com o mundo externo.

George Orwell uma vez disse que “a história é contada pelos vencedores”. No caso do Levante do Gueto de Varsóvia, a situação não foi diferente. Quando a guerra terminou e pudemos construir nosso Estado, a imagem dos combatentes e heróis do levante passou a ser associada a um grupo bastante específico. Ao recordarmos a rebelião do Gueto de Varsóvia ou a resistência judaica de forma geral, os atos limitam-se, estritamente, a ponderar a luta da Organização Judaica de Combate (Ż.O.B.), comandada pelos movimentos sionistas de esquerda juntamente ao Centro Sionista e ao Bund. O papel desempenhado por outras organizações lutadoras clandestinas é constante e deliberadamente ignorado, como é o caso da Ż.Z.W., formada por membros do Betar e de outras ramas do movimento de Jabotinsky.



Logotipos dos dois grupos de resistência dentro do Gueto de Varsóvia. À esquerda, o emblema da Ż.Z.W., formada por betarim e outros membros do sionismo revisionista. Ao lado, o símbolo da Ż.O.B. - a organização dos sionistas-socialistas e do movimento bundista.

Nosso papel é, portanto, honrar sua memória e lembrar. Lembrar que eles foram o primeiro movimento de resistência judaica. O primeiro a ser fundado. O primeiro a arriscar suas vidas ante o perigo. O primeiro a instituir um treinamento militar e conseguir armas. O primeiro a entrar em ação. É preciso dizer que os membros dessa organização lutaram lado a lado com outros movimentos nas mais difíceis batalhas, até o final da rebelião.

Enquanto a Ż.Z.W. foi fundada nos primeiros dias da ocupação alemã em território polonês, a Ż.O.B., por sua vez, começou a se formar apenas em agosto de 1942 e tomou forma e se estabeleceu devidamente no final do mesmo ano – no momento em que os alemães conduziam a maior ação de deportação no gueto – a qual durou cinquenta e três dias.

Dito isso, a pergunta que com certeza deve ser explicada é: como é possível que um movimento que teve tanta importância no levante seja excluído dessa maneira dos relatos históricos? As causas são diversas, mas as seguintes são as principais:

- Quase todos os membros da União Militar Judia caíram durante as duras batalhas, sem haver tentado recuar e salvar suas próprias vidas. Todavia, muitas testemunhas sobreviveram para relatar o sucedido.
- Entre os poucos sobreviventes, não restou nenhum comandante, apenas subalternos que, devido ao regime bastante estrito de compartilhamento de informações sob a qual operava a União (inspirados em sua organização paterna Etzel), não possuíam informação alguma acerca de outros membros, de sua estrutura, depósitos ou bases.
- Seus participantes não costumavam levar consigo diários, notas nem fazer relatos de dados históricos para evitar que, em caso de serem apanhados pelos nazistas, não comprometessem operações e a localização de outros membros.
- Por fim, não era de interesse da agenda política daqueles que escreveram a história: a memória coletiva de Medinat Israel foi escrita pelos olhos do partido socialista trabalhista, o mesmo que impedia a imigração de betarím para *Eretz Israel* por divergências ideológicas. Nunca foi de interesse nacional o reconhecimento de combatentes seguidores dos ideais de Jabotinsky. Houve uma clara demonstração dessa tentativa de historiografia parcial, quando, no julgamento de Eichman, em 1961, Tzivia Lubetkin testemunhou que o levante fora organizado pela Z.O.B. (sem fazer menção alguma a Z.Z.W.) ou então Antek Zuckerman (braço direito de Anielewicz), em suas cartas enviadas a Londres, em 1945, relatou que a luta no Gueto de Varsóvia foi implementada pelos movimentos juvenis socialistas e pelo partido dos trabalhadores da Terra de Israel. Podemos citar até mesmo Edelman, bundista, que negou diversas vezes qualquer contribuição significativa do Betar na revolta e que, constantemente, referia-se a Z.Z.W. como um bando de contrabandistas, ladrões e porteiros.

Os alemães, por sua vez, faziam questão de relatar cada batalha e de juntar todo o tipo de informação que tinham ao seu alcance e que acreditavam poder ajudá-los a derrotar os movimentos rebeldes.

Determinamos agora, sem sombra de dúvida, que não só os homens andam armados, mas também mulheres entre os 18 e 30 anos. Elas vestem calças de montaria e possuem capacetes em suas cabeças, algumas também usam vestidos comuns.

Essas pessoas estavam organizadas em movimentos conhecidos como "Chalutzim" e me parece que também se chamavam Betar. Muitas das mulheres portavam armas carregadas em sua roupa interior. Dessa forma, travavam batalhas até o final, desde o sótão ao teto.

A União Militar Judaica se constituiu a partir de três núcleos separados: o Movimento Juvenil Betar, o *Brit HaChaial* e células do *Irgun Tzvaí Leumi*.



Ziuta Hartman, uma das poucas sobreviventes da Z.Z.W. no Gueto de Varsóvia. Sua história é retratada no documentário *Gueto de Varsóvia: A história não contada*.



Tzivia Lubetkin - membro da Z.O.B. - que testemunhou no julgamento de Adolf Eichmann sobre o Levante do Gueto de Varsóvia. Em nenhum momento, ela menciona a participação da Z.Z.W.

Imediatamente após a derrota do exército polaco pelos invasores alemães, o comando do Betar empreendeu atividades de salvamento material e espiritual para seus membros, dispersos por todo o país. O primeiro passo consistiu em buscar vias de escape da Polônia para se antecipar aos nazistas. A liderança em Varsóvia enviou *betarím* à Hungria e à fronteira russa e tentou contatar a Turquia, mas esses esforços foram em vão. Todos os caminhos estavam fechados. Por conseguinte, sua atenção voltou a se concentrar na própria Polônia. Através de uma série de averiguações e intercâmbios de cartas, souberam que havia algumas propriedades rurais no interior polaco que precisavam de trabalhadores. Os alemães não controlavam tão rigorosamente a região, e os judeus do gueto local gozavam da liberdade para organizar sua vida interna. Estabeleceu-se, então, um contato entre o comando e os dirigentes desse gueto, que permitiram a entrada de seiscentos membros do Movimento, que trabalhavam em chácaras e podiam, tranquilamente, manter atividades sociais e partidárias. O projeto era transferir todos os membros do Betar para essas proximidades e criar ali uma grande força que estaria preparada para enfrentar qualquer perigo. Simultaneamente, León Rodal, que viria a ser um dos três comandantes da Ż.Z.W., propôs criar uma organização para a luta no Gueto de Varsóvia. Rodal recomendou opor-se rapidamente à intenção nazista de destruir por completo o povo judeu. A partir dessas propostas, Peretz Lasker preparou um plano de recrutamento e treinamento, além de organizar o orçamento para a compra das armas.

Do *Brit HaChaial*, organização de veteranos judeus do exército polaco, surgiu o núcleo da organização. Sua origem se deve à iniciativa do oficial polonês Henryk Ivanski e de alguns de seus companheiros, que, ao apoiar a resistência judaica, foi declarado pelos inimigos como *persona non grata*. Passou assim a trabalhar clandestinamente, prestando diversos serviços para os combatentes judeus. Quatro destes - Dawid Moryc Apfelbaum, Henryk Lifschitz, Bialoskore e Kalman Mendeíson - solicitaram sua ajuda para tudo aquilo que era relacionado com a organização de uma força clandestina judaica e seus equipamentos. Ivanski se mostrou bastante entusiasmado e imediatamente forneceu-lhes quatro fuzis. A fins do mês de dezembro de 1939, quando já haviam sido formadas outras seis células da organização, foi realizado um encontro de fundação com a participação de Ivanski e outro trinta e nove rebeldes judeus, entre eles, cinco mulheres. Prestaram um juramento de fidelidade ao movimento - que naquele então ainda se chamava *Swit* (Aurora) - e receberam de Henryk vinte e nove pistolas.

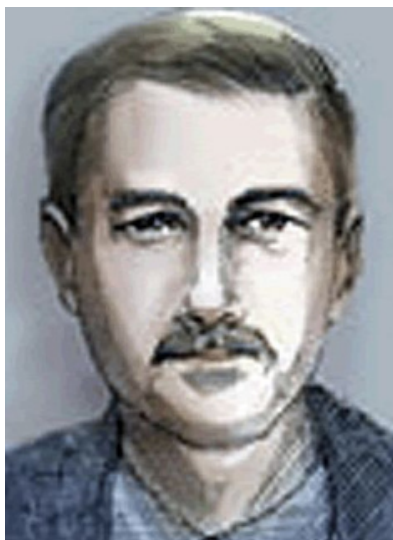
Nesse momento, organizaram também a brigada “V”, que tinha como principal função a obtenção de armas. Essa brigada estabeleceu três bases: uma na Rua Ziotz 56, outra em Zelazna 48 e uma última em um recinto do Hospital São Estanislau. Neste, foram escondidos judeus fugitivos que logo seriam enviados ao leste, fora da zona de domínio alemão. Os judeus chegavam ao lugar através de um sinal combinado, passando por um depósito de folhas e um túnel na Rua Gensia, que, por fim, conduzia ao cemitério. A brigada “V” também fornecia ao hospital do gueto medicamentos, drogas caras e o que havia de mais valioso para os judeus na época: farinha, carne e arroz.

Posteriormente, a organização judaica recebeu o nome de União Militar Judaica (em polaco, Ż.Z.W.). O treinamento com armas era realizado durante a noite, porque, além dos exercícios militares, a União atuava no plano civil, introduzindo médicos e proporcionando medicamentos e comida aos judeus evacuados que viviam em condições sanitárias e alimentícias insuportáveis.

O Etzel (*Irgun Tzvai Leumi* ou Organização Militar Nacional) havia dado cursos de instrução militar básica antes da guerra a esse grupo de jovens com a ideia de que passariam a alongar as filas da organização em *Eretz Israel*. Pelo mesmo motivo, adquiriram um carregamento de mil fuzis, que logo no princípio da guerra foi cedido ao exército polonês. Assim que o gueto foi criado - em Varsóvia - Pawel Frenkel, membro do Irgun, organizou um grupo de resistência. A essas três organizações se somaram diferentes personalidades influentes de diversos estratos da população judia polaca.

Encabeçava a União Militar um comandante e dois subcomandantes, os quais supervisaram diferentes áreas geográficas, divididas em dez unidades de combatentes. Seus representantes eram David Wdowski, o Dr. Strikowski e Leon Rodal, este encarregado do contato com os arianos. O comando superior era integrado por Dawid Afbelbaum, Pawel Frenkel e Leon Rodal. Colaboravam com eles muitos outros, cada um responsável por distintas áreas da organização:

- Propaganda e informação (esta obtida através de um receptor clandestino de rádio);
- Organização: recrutavam e equipavam novos combatentes;
- Equipamentos: controlavam o inventário de armas e munições;
- Finanças: gastos em geral;
- Relações: mantinham o contato com a resistência polonesa no lado ariano, com outros grupos judaicos dentro e fora dos guetos e com concentrações de judeus em qualquer região da Polônia;
- Medicina: se ocupavam de armazenar medicamentos, transmitir noções de primeiros socorros (liderada pelo Dr. Yosef Tzahlmeister);



Pawel Frenkel, líder da União Militar Judaica. Um dos principais combatentes no Levante do Gueto de Varsóvia.



Leon Rodal, idealizador da Z.Z.W., era responsável pelo departamento de informações e comunicação dentro do gueto.

- Assuntos legais: responsáveis também por julgar as faltas de disciplina internamente, ocupavam-se, principalmente, do julgamento de renegados e agentes da Gestapo. Era presidida pelo advogado David Schulman e contava com uma unidade executora de suas sentenças;
- Resgate: transferia crianças para conventos ou casas de famílias polacas não-judas e fornecia documentos de não-judeus a adultos que faziam serviços fora dos guetos e esconderijos;
- Seção Militar: encarregada do treinamento dos combatentes.

Antes do Levante, a organização contava com dois batalhões e tinha organizado um esquema para que, durante a luta, outros dois grupos de voluntários se somassem a eles. Também construiu uma rede de refúgios e passagens subterrâneas, incluindo dois túneis: um que passava pela Rua Okopowa e levava ao cemitério e um segundo na igreja localizada na Rua Leszno. Conforme a guerra e as deportações avançavam, os alemães foram descobrindo algumas dessas passagens, e a Ż.Z.W. construindo outras. As entradas dos túneis possuíam portas que fechavam hermeticamente. Em Malewki 29, no sótão do Hotel London, foi instalado um esconderijo com fins militares, um posto intermediário entre as unidades da organização e a oficina de reparação de armas.

O refúgio central da Ż.Z.W. foi construído na Rua Muranowska 7. Era amplo e muito bem equipado. Um túnel – que levou três meses para ser finalizado – conduzia os combatentes do local até a região alemã. O concreto cedia frequentemente e as escavações tiveram que ser levadas de forma devagar devido ao medo de que tudo viesse abaixo – já que o túnel estava sob uma movimentada avenida – e também porque, na metade das obras, os escavadores encontraram os canos da rede urbana de canalização e precisaram dissimular o trabalho para ocultá-lo dos olhos inquisidores da Gestapo. Devido ao grande movimento na região, alguns combatentes eram responsáveis por estar “em alerta” – prontos para agir ante qualquer movimento suspeito. De qualquer maneira, os trabalhadores muitas vezes escavavam com os próprios dedos na tentativa de evitar fazerem ruído.



Sede do Etzi (*Irgun Tzvai leHudi*, nome em hebraico da Z.Z.W., na Rua Muranovska 7, pegando fogo. Fotografado durante os primeiros dias do levante por um morador vizinho.

Apesar de todos os obstáculos, as obras terminaram graças aos esforços de todos, mas, em particular, de seu iniciador e planejador Szlamek. Um rapaz de não mais do que vinte e pouco anos com uma maravilhosa capacidade de planejar obras – conseguindo superar todos os inconvenientes técnicos que surgiram durante as escavações. Szlamek considerou essa a maior obra de sua vida, a qual perdeu, anos mais tarde, durante o Levante.

Uma das maiores dificuldades da organização era a obtenção de armas. Graças a seus contatos com a resistência polaca, a Ż.Z.W. se tornou o grupo melhor armado do gueto, possuindo, em seus depósitos, armas leves e também pesadas. O recebimento desses objetos ocorria de cinco maneiras distintas. Entre os combatentes da resistência polonesa que ajudaram a obter armas, destacou-se Adolf Rudnicki (seu verdadeiro nome era, na verdade, Kazimierz Ostkowicz), que se relacionou com a Ż.Z.W. por intermédio de Emilka, jovem mulher que desempenhava o papel de correio entre as organizações clandestinas graças aos aspectos arianos de sua fisionomia.

A estação ferroviária leste servia de centro aos combatentes da organização no lado ariano, fora dos limites do gueto. Nesse local, os emissários da União Militar recebiam armas e as transferiam para o gueto sem serem incomodados pelos agentes das polícias polaca ou alemã, previamente subornados. Os provedores das armas ali eram: Fogel, filho do diretor de uma escola de *Talmud-Torá*, Moshe Melnik, Simcha Holtzberg, “Vládek”, Beniek Kaiser e Szymon Kaminski. Também a fábrica de *Tabens* era um lugar combinado para tráfico de armamentos. Em um canto previamente acordado, os comissários eram esperados por um homem que lhes entregava latas com fundo falso: em cima, arenques (peixes) com molho de tomate; embaixo, granadas de mão e variados tipos de munição.

A produção própria de armas estava a cargo de técnicos e profissionais membros da Ż.Z.W., os quais fabricavam bombas incendiárias, peças para fuzis e explosivos. As oficinas funcionavam em diversos pontos: na Rua Nalewki 29, na Rua Gensia e em setores das fábricas de pincéis e de *Tabens-Schultz*. Devido ao alto valor de custo das armas, os próprios membros da organização contribuíam com dinheiro e objetos de valor. Quando esse dinheiro se esgotou, a União Militar Judaica, assim como a Ż.O.B., impôs contribuições aos mais “privilegiados economicamente”. A organização investigava essas pessoas antes de estabelecer os valores, mas nem sempre a avaliação era correta, portanto, quando isso acontecia, o dinheiro era devolvido aos doadores. Testemunhos indicam que se arrecadou importante somas de dinheiro dos comerciantes e também do Banco Judaico, ao qual se impôs um valor de 130.000 *zlotys*. A comissão de finanças deixava um recibo que tinha um desenho específico – de um muro de tijolos com uma brecha, pela qual se via duas mãos se estirando – já combinado pelas organizações clandestinas, evitando, assim, que alguém pagasse mais de uma vez.

As dois grupos *underground* enfrentaram diversos problemas ao se estabelecer e também durante seu desenvolvimento. Atuavam no gueto muitos partidos políticos que antes da guerra viviam um conflito permanente. A hostilidade entre esses grupos e as diferenças ideológicas entre eles dificultaram a constituição das organizações e se notavam, particularmente, na estrutura da Ż.O.B.: unidades integradas segundo a afiliação partidária. Esses problemas somente tiveram solução quando a rebelião estava por começar: desapareceram então as cercas que dividiam ambos os movimentos, ainda que cada um tenha conservado sua estrutura e lutado nos setores que haviam sido designados.

Desde sua criação, os grupos clandestinos levantaram uma questão que já havia sido feita pelos movimentos juvenis: O que é preferível? Permanecer no gueto ou fugir para o setor ariano? Lutar em uma batalha perdida dentro do gueto ou somar-se a guerra de guerrilhas nos bosques? Evidentemente, a perspectiva de sair do gueto parecia mais viável e menos perigosa e provocava a muitos, não só pela questão de segurança, mas também pela vontade de unir-se a batalha direta e combater os alemães frente a frente. A saída do gueto permitiria conservar um núcleo combatente de jovens judeus, dispostos a empreender lutas e triunfar nelas.

No entanto, muitos judeus acreditavam que deixar o gueto levaria a um panorama que poderia adiantar a destruição definitiva do povo. A existência de uma organização combatente dentro do gueto passava uma certa segurança ao grupo judeu, enquanto sua saída corria o risco de ser interpretado como um sinal de covardia. Dessa maneira, foi imposta entre os rebeldes a tendência partidária de lutar desde dentro, entre a população civil, mesmo que essa luta apresentasse possibilidades mínimas em comparação com a guerra de guerrilhas. Essa decisão já pode ser percebida no primeiro conflito com os alemães: a ação de janeiro de 1943.

Salek Hazensprung – membro do Betar e da Ż.Z.W. durante a rebelião

DISCURSO PAWEL FRENKEL

Em 24 de dezembro de 1942, houve uma importante reunião de sessenta membros do Etzel com Frenkel em Muranowska 7-9, que foi realizada porque foram informados de que os alemães não estragariam a festividade e não entrariam no gueto na véspera de Natal. Durante esse encontro, Pawel deu o seguinte discurso:

Amigos, vocês foram chamados a curto prazo já que há uma boa razão para se acreditar que uma ação contra o restante dos judeus do gueto é iminente. Nossos assassinos não podem esperar até o próximo ano. Atualmente, não há informação sobre o regresso das tropas especiais (Einsatzgruppen), mas os alemães estão sendo derrotados pelos russos em Stalingrado e são capazes de ser mais astutos que no passado, despejando toda sua frustração e ira em nós. No ano passado, eles fracassaram na entrada de Moscou, este ano perderam dezenas de milhares em Stalingrado. Duzentos e cinquenta mil soldados estão desconectados há vários meses, é só uma questão de tempo e seu exército virá abaixo. O inverno, a falta de recursos e a renovação do exército russo contribuiram para a queda dos alemães. Não podemos afirmar que este é o começo da queda da Alemanha ou o princípio do fim, mas uma coisa é certa: os que restaram no gueto pagarão.

O exército alemão na África está acabado, os britânicos e americanos derrotaram o exército alemão de Hitler e o italiano de Mussolini. Sim, amigos, o fim da Alemanha de Hitler já pode ser visto no horizonte, mas nós, como grupo, não viveremos para ver o final da Alemanha barbárica, falamos de morte antes da derrota. Esta pode ser nossa última oportunidade de nos reunirmos. Ainda temos muito que organizar antes que comece a última batalha pela nossa honra.

Deixem-me dizer-lhes, amigos, os aliados sabem exatamente nossa situação, sabem os detalhes acerca de Treblinka, de Majdanek e dos outros lugares. Por que eles não bombardearam esses lugares? Não sabemos. Mas sabemos que apenas ontem, o Gabinete de Guerra britânico decidiu não aprovar o estabelecimento de um exército judaico baixo bandeira judaica na Palestina. Estes são nossos amigos, estamos sozinhos. Nossos amigos ainda acreditam em milagres e ainda enviam pedidos de ajuda a Londres. Desejamos-lhes toda a sorte do mundo, mas nós, do Betar, não confiamos na ajuda de Londres, Washington ou da União Soviética – que está suficientemente próxima para bombardear as ferrovias que conduzem a Treblinka, assim como bombardeou Varsóvia há alguns meses.

Como vemos, temos que lutar sozinhos se queremos morrer com dignidade e em tributo a todos os judeus do mundo. Líderes do mundo foram informados sobre nossa situação por representantes poloneses, foi Karski que viu por si mesmo a situação no Gueto de Varsóvia e nos campos de concentração. Nós devemos nos organizar para morrer com dignidade e matar a maior quantidade de alemães possível. Aqueles que sobreviverem deverão recordar-nos para sempre e contar às gerações mais jovens sobre a surdez e a inércia dos aliados diante dos gritos de judeus quantos os mataram. Então, vamos nos concentrar naquilo que temos que fazer.

Como vocês sabem, a Ż.Z.W. e a Ż.O.B. recolheram grandes quantias de dinheiro de judeus ricos do gueto e da Judenrat que nos obrigava a pagar pelas armas compradas. Até algumas semanas atrás, tivemos um entendimento mútuo [entre Ż.Z.W. e Ż.O.B.] de reportar uns aos outros em que lugares havíamos recolhido dinheiro para não duplicar nosso trabalho. Porém, nos últimos dias, parece que estão vagando muitas pessoas que coletam fundos para si mesmo em nosso nome ou em nome da Ż.O.B. Em um princípio, inclusive, fomos acusados de ter recebido grandes quantias e não os ter avisado. Quando nos encontramos em situações similares, decidimos falar com a Organização de Combate, confiscamos os valores arrecadados pelos indivíduos e os advertimos que parem com seus joguinhos. Se alguém é designado para a tarefa de reunir fundos, tomem em conta que o recibo (como deve ser) tenha a assinatura secreta tal como coordenamos com eles. Da mesma maneira, eles se comprometeram a fazer o mesmo.

Estamos preparando-nos para obter uniformes e capacetes da SS e temos previsto, a partir de amanhã, entregar a alguns de nossos membros esses uniformes. Aqueles que optem por usar o uniforme nem considerem levá-los a suas casas – vocês os provarão aqui, treinarão seus disfarces e irão guardá-los de volta. Quando chegue o momento de levar o uniforme, vocês saberão como atuar e qual é seu papel especial. Menciono isso porque algum de vocês podem não querer vestir o uniforme, inclusive para a destruição da vida alemã. Aqueles que sim estiverem dispostos serão registrados no final da reunião.

Como vocês sabem, há várias crianças e pessoas mais velhas que permaneceram no gueto, filhos e familiares dos que trabalham com os alemães. O filho de um policial foi golpeado por alguém que disse que o filho menor foi golpeado pelos pecados do pai. Este não tardaria em matar pela resistência. Não fomos capazes de prender o delinquente, mas em nome da Ż.Z.W., eu lhes digo que esse tratamento a um menino judeu pelos pecados do pai será tratado com rigorosidade. Não queremos ser ajudantes dos assassinos e ajudá-los, ainda mais, a exterminar crianças judias. Os traidores sabem que foram marcados, mas somente os traidores morrerão, não seus filhos. Alguém que foi enviado para assassinar uma judia traidora que passava informações a Gestapo, matou-a, mas voltou chorando. Quando lhe perguntei porque chorava, me respondeu: “a mulher deveria morrer pelo que fez, me sinto orgulhoso pela liquidação de uma judia que nos traiu, mas não posso pensar que um alemão da Gestapo pode rir e pensar: conseguimos que judeus matem judeus melhor que nós mesmos”. Assim podem ver, amigos, a morte de um traidor: se ele ou ela eram judeus, é uma necessidade, mas não uma alegria. Essa mulher era Ana Milewicz, ex-membro do Hashomer Hatzair, que foi retirada do movimento. Eles concordaram com nossa ação uma vez que foi provado que ela trabalhou para a Gestapo.

Finalmente, como vocês sabem, nós não temos contatos no outro lado da cidade como os membros da Ż.O.B. Aqueles de vocês que saem do gueto são os únicos mensageiros que temos do lado ariano que entram em contato com o AK [Armia Krajowa, o maior movimento de resistência polaca]. Sabemos pela história que a Organização Judaica de Combate tem representantes oficiais. Arie Wilner – também chamado de Iorek – é o encarregado das negociações com AK e com o departamento de assuntos judaicos, através de um homem chamado Henryk Wolinski (ou Waclaw). Estou dizendo-lhes tudo isso e divulgando todos esses nomes para mostrar-lhes que apesar de que não trabalhamos baixo um único comando, estamos coordenados uns com os outros.

Nós, na Ż.Z.W., acreditamos que devemos aceitar em nossas filas qualquer judeu que tenha armas e que afirme querer juntar-se à nossa luta. Nós devemos receber essa pessoa e fazê-lo parte de nosso grupo. Porém, em paralelo, devemos revisar e revisar de novo se é um indivíduo adequado. A Ż.O.B. acredita que essa política pode pôr em perigo a organização. E essa é a diferença básica e a principal razão pela qual preferimos permanecer entidades separadas, ao fim não importará. Por desgraça, não acreditamos em alguma forma de vencermos a batalha final. A questão que propusemos entre as organizações é de que maneira podemos gerar nos alemães e seus aliados o maior dano possível. Só o tempo demonstrará quem tem razão e quem está equivocado.

À direita, poster comemorativo do 70º aniversário do Levante do Gueto de Varsóvia. Na foto, vemos a imagem de Pawel Frenkel, e as bandeiras judaica e polonesa.

BETAR, A SHOÁ E O HEROÍSMO

Aqueles, entre nós, que temos a oportunidade de conhecer o idioma do nosso povo – o hebraico – recebemos, há aproximadamente dois anos, um presente especial: o *betarí* e ex-Ministro de Defesa de Israel, Moshe (Misha) Arens, escreveu um livro *Dgalim Meal HaGueto* (“Bandeiras sobre o Gueto” em tradução livre), no qual descobrimos a história jamais contada, inclusive entre betarim. É verdade que nos *maozim* do Betar ao redor do mundo, circulam, em todos os idiomas, pequenos textos que contam sobre a Ż.Z.W. – em Israel, conhecido como Etzi (sigla para *Irgun Tzvai Iehudi*) – mas não tínhamos conhecimento do que realmente aconteceu na heroica rebelião do Gueto de Varsóvia e da participação do Betar nessa resistência.



O TERCEIRO KINUS OLAMI DO BETAR

Sendo impossível traduzir o livro completamente, destacamos algumas questões importantes. Em 1938, realiza-se o terceiro *Kinus Olami* (Convenção Mundial) do Betar, o qual, sem dúvida, foi fundamental na história do movimento. Menachem Begin, Avraham “Yair” Stern e Nathan Yelin – os quais já eram líderes da tnuá – decidem, mesmo com medo de serem expulsos, desafiar o próprio Rosh Betar (Jabotinsky) ao propor a modificação de uma parte do *Neder* (juramento) *Betarí*. A mudança é apresentada por Begin, que sobe ao palanque e sugere alterar a parte que diz “...defender a Terra de Israel...” por “conquistar a Terra...”. Jabotinsky responde com irritação às palavras do jovem Begin, alegando que era uma loucura, nesse momento, enfrentar-se com um dos mais poderosos exércitos da época: o britânico. De qualquer maneira, os betarim presentes estavam dispostos a esse desafio, já que o próprio Rosh Betar assim os havia educado. Ao mesmo tempo que os presentes aplaudiam entusiasmados a Begin, Jabotinsky compreendeu o espírito da juventude e o apoiou na decisão de modificar o juramento.

Essa mudança, que até parece uma questão semântica, era muito mais que isso: a palavra “conquista” leva consigo um profundo significado prático e pouco teórico. Significa criar uma força militar de betarim combatentes, treinados para liberar *Eretz Israel* do carrasco britânico e para a defesa do *Yishuv* (assentamento judaico) diante dos árabes. A partir dessa mudança, logo após o Kinus, os líderes do movimento começaram a treinar seus membros na arte do combate por terra, água – e mais tarde – céu, antes que estes fizessem aliá. Nesse mesmo ano, Jabotinsky pronunciou, em Varsóvia, sua famosa frase: “A catástrofe se aproxima... Acabem com a *galut* (diáspora) ou a *galut* acabará com vocês”. É dessa forma que os betarim entram em contato com o movimento de resistência polonês e, a partir da chegada de membros do Etzel vindos de *Eretz Israel*, começam a se organizar militarmente, a adquirir armas e – principalmente – a se preparar militarmente. Paralelamente a essas ações, era também organizada a *aliá beit* (ilegal) à Terra de Israel.

A VERDADE OCULTA:

Logo depois do Terceiro Kinus Mundial, é criada então a Ż.Z.W., enquanto o movimento de Anielewicz é criado quase quatro anos mais tarde, somente em 1942. Nesse momento, os membros do Betar já possuíam uma vasta quantidade de armamento e um excelente treinamento de combate, enquanto os movimentos de esquerda (de tendência pacifista e ausência de consciência) contavam com pouco armamento, quase nenhum treinamento de combate ou contato com a resistência polonesa do lado de fora do gueto. Os *betarím* que não puderam escapar do gueto até Israel estavam baixo o comando de Pawel Frenkel, seguido por Leon Rondal, e sua principal base de ação ficava em frente à *Praça Muranowska*, mais precisamente no edifício no número 7 da rua de mesmo nome.

Em 19 de abril de 1943, começou a liquidação do gueto de Varsóvia, e os habitantes judeus já haviam sido alertados das intenções nazistas (de eliminar todos os judeus como presente de aniversário para Hitler) e estavam preparados para a resistência e para a morte. Os membros do Betar decidem hastear no teto do edifício da *Muranowska 7* duas bandeiras: a da resistência polaca – em homenagem àqueles que colaboram com o levante – e a bandeira sionista (posteriormente declarada a bandeira do Estado de Israel), prometendo defendê-las até a última bala e até o último movimento de suas vidas e de todos os judeus do gueto. As bandeiras poderiam ser vistas de qualquer parte do gueto e também fora dele. Por isso, Himmler deu ordens ao general nazista Jürgen Stroop, encarregado de limpar Varsóvia da presença judia, de baixar as bandeiras a qualquer custo.

Os alemães invadiram o gueto com tanques e milhares de soldados, a *Praça Muranowska* foi cenário de sangrentos cenários, mas os combatentes lutaram até sua última gota de suor, e as bandeiras se mantiveram hasteadas por três dias. Os combatentes apresentaram aos nazistas uma batalha heroica e digna, apesar da desigualdade de condições.

A VERDADE SE ILUMINA:

A história dos combatentes da Ż.Z.W. não é contada com tanta frequência e por tantas pessoas como a de Mordechai Anielewicz e seus companheiros, especialmente porque todos os comandantes da primeira caíram em combate e deram sua vida pela resistência, pela honra e pela dignidade. Por isso, é nossa obrigação recordar a *Shoá*, recordar a resistência e o heroísmo, tirar da escuridão essa história que muitos tentaram e ainda tentam apagar. Devemos, portanto, levar a cabo as últimas palavras de Frenkel a seus combatentes: *“Amigos, vamos morrer prematuramente, mas não seremos esquecidos, isso não se discute. Nós permaneceremos enquanto a história judaica seguir existindo”*.

CORREÇÃO HISTÓRICA:

Na última terça-feira, foi inaugurada uma placa comemorativa em Varsóvia, no lugar onde Pawel Frenkel, o comandante da União Militar Judaica durante o Levante do Gueto de Varsóvia, caiu junto a seus companheiros, há 69 anos, em uma batalha contra forças alemãs decisivamente superiores.

A impressionante cerimônia militar contou com a presença do prefeito de Varsóvia, representantes do governo polonês, o Ministro da Educação e o Embaixador de Israel.

Se tratou de uma homenagem – há muito aguardada – a um dos heróis do Levante do Gueto de Varsóvia: jovem que guiou a batalha central da revolta na Praça Muranowska. Nessa desesperada batalha pela honra do povo judeu, a bandeira sionista e a bandeira polonesa flamejaram juntas no alto do edifício mais alto da praça, como um símbolo de rebeldia contra os alemães.

Dois meses após a eclosão da rebelião, Frenkel e seus combatentes, encurralados pelas forças nazistas, travaram a última batalha do levante no número 11 (agora 5-A) da Rua Grzybowska. Pawel tinha sido um membro do Betar, o movimento juvenil de Ze'ev Jabotinsky e foi recrutado pela milícia clandestina anterior ao Estado de Israel - o Etzel - o qual estabelecera uma rede de células clandestinas na Polônia antes do início da guerra.

Mas quem já ouviu falar dele? Por que o seu nome foi esquecido ou deliberadamente apagado das páginas da história? Nos anos que antecederam a criação de Medinat Israel, e por quase 20 anos depois, o Partido Trabalhista controlou - em grande parte - a educação e exerceu significativa influência na formação da memória coletiva. Nunca foi de seu interesse o reconhecimento de combatentes do levante que tinham sido seguidores de Jabotinsky.

O Partido Trabalhista adotou de bom grado a narrativa da revolta trazida a Israel por Yitzhak "Antek" Zuckerman e Tzivia Lubetkin, sobreviventes da Organização Judaica de Combate – a Ż.O.B., liderada por Mordechai Anielewicz -: uma narrativa que dá pouco destaque ao papel desempenhado por Frenkel e seus seguidores.

Em uma carta datada de maio de 1945, enviada por Zuckerman e Adolf Berman, líder do movimento clandestino de resistência do Gueto de Varsóvia, da capital polaca sob a ocupação alemã à Londres, através dos canais da resistência polonesa, as sementes foram semeadas para a narrativa politicamente conveniente da rebelião.

"A luta no Gueto de Varsóvia, e outros guetos e campos, foi iniciada, organizada e implementada por nossas organizações e, sobretudo, pelos movimentos de jovens e trabalhadores do Partido dos Trabalhadores da Terra de Israel", escreveram eles. Dezesesseis anos depois, no depoimento dado durante o julgamento de Eichmann sobre o Levante do Gueto, Zuckerman e Lubetkin não fizeram nenhuma referência ao papel desempenhado pela União Militar Judaica na revolta. Sua versão foi ensinada durante anos em escolas israelenses, foi integrada na memória coletiva de Israel e do mundo em geral e está em exposição no Museu Yad Vashem, em Jerusalém.

"Quem controla o presente controla o passado", escreveu George Orwell, em seu romance 1984. Aqueles que controlavam o presente em Israel por muitos anos manipularam a história do Levante do Gueto de Varsóvia, em conformidade com os seus objetivos ideológicos.

Recentemente, tem sido sugerido que o papel desempenhado por Marek Edelman na rebelião não tinha recebido o devido reconhecimento de Israel. Edelman foi um membro da Organização Judaica de Combate e lutou bravamente na área dos escritórios dos fabricantes de escovas durante a revolta. Marek havia sido membro do movimento antissionista Bund, parceiro principal na organização liderada por Mordechai, no entanto, o crédito principal havia sido outorgado, em Israel, naturalmente, aos grupos sionistas que compunham a organização.

Edelman, bundista até sua morte e feroz oponente do movimento de Jabotinsky, deixou que suas inclinações ideológicas prevalecessem cada vez que se referia ao levante. Ao longo dos anos, ele não perdeu nenhuma oportunidade para negar que Frenkel e seus combatentes contribuíram significativamente na revolta. Segundo ele, "eles não eram nada mais do que um bando de porteiros, contrabandistas e ladrões.". Bundistas ou sionistas-socialistas, nada disso importava na hora de apagar a Ż.Z.W. e seus combatentes da história do Levante do Gueto de Varsóvia.

Emanuel Ringelblum, um sionista marxista que relatou a vida no gueto, ficou impressionado com a precisão e o posicionamento militar com o qual se deparou durante sua visita ao quartel general de Frenkel, no número 7 da Rua Muranowska; de qualquer forma, não deixou de ressaltar que a ideologia do movimento se aproximava ao "fascismo de estilo italiano."

Algum ressentimento com base em diferenças ideológicas impediu a união das duas organizações clandestinas no Gueto de Varsóvia, e teve sua continuidade após a guerra, em tentativas de manipular a narrativa da revolta de acordo com objetivos políticos particulares de cada lado.

Pawel Frenkel e seus combatentes foram vítimas daquela pretensão de controle sobre o passado. Já passou da hora de deixar as coisas claras.

Escrito por Moshé Arens.

Publicado quinta-feira, 05 de abril de 2012 – 07:39, no jornal israelense Haaretz.

Tradução para o português: Juliana Katz

MEMBROS DA Ż.Z.W.

PAWEL FRENKEL

Pawel Frenkel foi um ativista e combatente nascido em 1920, na capital polaca. Aos dezoito anos, entrou para o movimento juvenil Betar e, com o avanço da guerra, fez parte da *Żydowski Związek Wojskowy* (Z.Z.W.). Segundo registros tanto de Henryk Iwanski (líder da resistência polonesa) quanto de Tadeusz Bednarczyk (coordenador do corpo de segurança que doou armamento para a Z.Z.W.), Pawel foi um dos principais comandantes do Levante, tendo liderado uma de suas batalhas mais intensas, no número 7 da *Praça Muranowska*.



Além disso, Pawel foi oficial do exército polonês e membro do Etzel. Exemplo de *Tagar* e coragem, foi assassinado pelos nazistas durante o Levante do Gueto de Varsóvia, no dia 19 de junho de 1943, na Rua Grzybowska.

LEON RODAL

Leon Rodal nasceu em 1913, em Kielce (Polônia), e foi um dos principais combatentes da Z.Z.W. dentro do gueto de Varsóvia. Rodal foi um dos co-fundadores do grupo, junto com Dawid Apfelbaum e Pawel Frenkel. A ele cabia o cargo de cabeça do Betar dentro dos muros do Gueto, além de ocupar o posto de Chefe do Departamento de Informações da Z.Z.W. Foi Rodal que transmitiu a seus companheiros e aos integrantes da Z.O.B. o plano da Solução Final, em 1942, sendo fundamental para a organização judaica na resistência contra os alemães.



Durante a *Batalha da Praça Muranowska*, lutou bravamente enquanto as bandeiras da Z.Z.W. e do Reino da Polônia eram hasteadas. Nesse episódio, apesar de muitos membros terem morrido, conseguiu escapar por uma passagem subterrânea e continuou ajudando os sobreviventes do gueto a escaparem. Em uma dessas missões, foi cercado por oficiais da SS e cruelmente assassinado.

DAWID WADOWINSKI

Dawid Wdowinski nasceu em 25 de fevereiro de 1895, na cidade de Będzin, sul da atual Polônia. Estudou psiquiatria em diferentes universidades pela Europa e, depois de formado, a pedido de Ze'ev Jabotinsky, desistiu da carreira médica para unir-se ao Movimento Sionista Revisionista, tornando-se presidente do Partido Sionista Polonês (*Polska Partia Syjonistyczna*) e se mudando para Varsóvia.

Durante a Segunda Guerra, manteve-se muito ativo em atividades clandestinas dentro do gueto. Entre as funções que ocupou, destaca-se o cargo de representante da corrente revisionista na *Zydowski Towarzystwo Opieki Społecznej* (*Sociedade Judaica de Ajuda Mútua*)



e o de chefe político da Z.Z.W. Durante o Levante do Gueto, foi capturado pelos nazistas e enviado para vários campos de concentração, entre eles *Dachau* (ao norte de Munique, na Alemanha), aos quais conseguiu sobreviver.

Com o término da guerra, foi para a Itália e participou ativamente da resistência do *Irgun Tzvaí Leumi* contra os britânicos na Palestina. Tempo depois, mudou-se para os Estados Unidos. Em 1961, testemunhou no julgamento de Adolf Eichmann e, em 1963, publicou, em Nova York, o livro "*And We Are Not Saved*", no qual conta sobre a Z.Z.W. e o seu papel na organização antes e durante o Levante do Gueto de Varsóvia.

No início da década de 1970, no decorrer de uma comemoração do 27º aniversário do Levante do Gueto, em Tel Aviv, Wdowinski sofreu um ataque cardíaco e faleceu.

ZIUTA HARTMAN

Ziuta Hartman nasceu em 1922, em Kielce, na Polônia, e foi de extrema importância para a Z.Z.W. antes e durante o Levante do Gueto de Varsóvia. Seu papel - devido a sua aparência ariana - consistia na comunicação entre o gueto e o lado ariano e no contrabando de armas, comida, medicamentos e correspondências.

Após sua captura pelos nazistas ao final do levante, foi enviada para diversos campos de concentração, entre eles *Majdanek*, *KL Buchenwald* e *Poniatowa*. Com o fim da guerra e após uma breve passagem pela Polônia e pela França, Ziuta e seu marido fizeram aliá e se estabeleceram em Tel Aviv.



Em 2010, recebeu o título de Cidadã Honorária de Varsóvia - devido a sua bravura e participação no Levante do Gueto. Ziuta faleceu aos 93 anos, em maio de 2015, em Tel Aviv, deixando, além de dois filhos e seis netos, um grande exemplo de *Tagar* durante a *Shoá* como legado. Foi o último membro da Z.Z.W. a perecer.

DAWID APFELBAUM

Dawid Moryc Apfelbaum, cujo nome de guerra era *Kowal* (ferreiro), foi comandante da União Militar Judaica durante o Levante do Gueto de Varsóvia. Serviu no exército polonês durante a invasão nazista da Polônia com o posto de tenente e lutou na batalha pela defesa de Varsóvia.

Como ativista do Betar, ingressou na Z.Z.W. após a conquista alemã da cidade e conseguiu entrar em contato com oficiais poloneses que ajudavam os membros do grupo clandestino. Em 1942, comandou uma companhia de cerca de cinquenta membros que estavam bem equipados com armas de vários calibres, contrabandeadas para o gueto do lado ariano.

Apfelbaum foi um corajoso e lendário líder, elevando, constantemente, os espíritos de seus homens. Participou ativamente das batalhas do levante e liderou um grupo de combatentes que atacaram nazistas na rua *Muranowska*, ferindo vários deles sem causar danos a nem mesmo um de seus soldados. Em 26 de abril de 1943, chegou a notícia de que fora gravemente ferido em uma batalha e de que, na manhã seguinte, morreu de seus ferimentos.

MEMÓRIAS E REGISTROS



Um dos anéis usados como meio especial de identificação em encontros secretos entre os comandantes da União Militar Judaica no Gueto de Varsóvia e os líderes da organização clandestina polonesa. Em seu interior está gravado um leão de *Lehudá* e um cordeiro.



Memorial para os líderes da Z.Z.W. no Gueto de Varsóvia com os nomes de Pawel Frenkel e Dawid Apfelbaum, em Varsóvia.

Monumento aos heróis do gueto em Varsóvia.

A praça em homenagem a David Apfelbaum, em Varsóvia.



Bandeira da União Militar Judaica.



Ilustração dos membros da Etzi levantando as bandeiras da organização e do Reino da Polônia.





BETAR BRASIL
בית"ר ברזיל



BETAR BRASIL
בית"ר ברזיל